

# PERTO DE CAMANÉ



CAMANÉ NO ESTÚDIO, FILMADO POR BRUNO DE ALMEIDA

Um documentário colhido na gravação de um disco de fado

---

TEXTO JORGE LEITÃO RAMOS

---

A câmara está dentro do estúdio, o tempo todo. Ora em fase de ensaios, ora de gravação, ora de troca de ideias, matéria de condução do intérprete, José Mário Branco produtor, Camané fadista, aqui e ali Manuela de Freitas, autora. E também há tempo de escuta — para quem está no ecrã, bem entendido, porque para nós há sempre música, há sempre fado. Tudo pontuado por excertos de uma entrevista de Camané a João Bonifácio, onde o fadista explica e se explica, em termos genéricos. E há a presença dos músicos (José Manuel Neto, Carlos Manuel Proença, Carlos Bica), verbalmente quase muda, eloquente em matéria de sons.

\*\*\*

FADO CAMANÉ

de Bruno de Almeida (Portugal)

Documentário M/6

O filme parece, de modo muito nítido, um compagnon de route para o álbum “Sempre de Mim” (2008), já que se concentra na sua gravação. Mas não é. Na verdade, o material que aqui se mostra é apenas parte de um vasto conjunto, incluindo concertos, recolhido ao longo de anos e que Bruno de Almeida (realizador/produtor) acabou por pôr de lado no atribulado processo de produção do filme, feito quase sem financiamento externo, processo onde se inclui uma recusa do Instituto do Cinema e do Audiovisual com a alegação de que Camané não era matéria a justificar um documentário de longa-metragem. O confinamento físico ao estúdio e à gravação de um disco é uma opção minimal para mostrar um processo de trabalho que define a identidade do mais singular intérprete masculino do fado dos nossos dias, processo onde a continuada relação criativa com José Mário Branco tem sido fulcral. O preto e branco da fotografia integra-se no sistema de concentração que “Fado Camané” assume, qualquer preocupação com a cor seria inútil em termos de discurso e, além de inútil, dispersiva.

O filme é todo feito num processo de montagem onde não importa a sincronia temporal — numa mesma cena pode haver imagens de gravação, de ensaio, de escuta, imagens que se aglutinam pelo fado que está na banda sonora, mas que, na realidade, podem ter ocorrido em momentos distantes. Não é o realismo da tomada de vistas que lhe importa, é a verdade ligada a uma forma de labor.

Quase vinte anos depois de “Amália — Uma Estranha Forma de Vida” (o mais espantoso trabalho documental sobre Amália Rodrigues alguma vez feito), Bruno de Almeida regressa, em boa hora, à canção de Lisboa. O fado merece — e eu aplaudo.